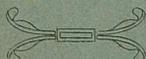


BASILIO DE MAGALHÃES

EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL
ATÉ FINS DO SEculo XVII

Memoria apresentada ao Primeiro Congresso
de Historia Nacional



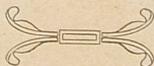
RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1915

BASILIO DE MAGALHÃES

EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL
ATÉ FINS DO SECULO XVII

Memoria apresentada ao Primeiro Congresso
de Historia Nacional



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1915

DO MESMO AUTOR

- 1895 — *Lições de Historia do Brasil* (obra approvada pelo governo do Estado de S. Paulo).
- 1896 — *A revolução de Pernambuco em 1824* (these de concurso á cadeira de Historia do Brasil do Gymnasio do Estado de S. Paulo).
- 1898 — *Lições de Geographia Geral* (obra approvada pelo governo do Estado de S. Paulo).
- 1899 — *Iris* (versos).
- 1910 — *Pela Republica civil* (discursos).
- 1910 — *A monarchia portuguesa* (conferencia).
- 1913 — *O Estado de S. Paulo e o seu progresso na actualidade.*
- 1913 — *Tratamento e educação das creanças anormaes de intelligencia.*

A PUBLICAR :

- A guerra do Paraguay* (estudo das suas causas em face do direito das gentes).
- Datas nacionaes* (ephemerides).
- Os borôros* (estudo ethnographico-linguistico).
- Lyrical de Stecchetti* (traducção).
- Versos antigos.*
- Alma viuva* (contos).



Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII

— Descoberta a America, em 1492, por Christovam Colombo, ao serviço dos reis catholicos, — a corôa lusitana (estribada em investiduras do poder pontificio, o qual, pela inexistencia de um codigo das gentes, só mais tarde surto graças á obra monumental de Grotius, era o arbitro supremo das questões internacionaes) julgou-se com direito a um quinhão das terras do novo-mundo, e tão justa era a sua pretensão, que, interferindo Alexandre VI no litigio, celebraram emfim Portugal e Espanha, a 7 de Junho de 1494, o «concerto» de Tordesillas, approvado pela bulla de 24 de Janeiro de 1506, de Julio II.

— Por este pacto, — conquista admiravel da diplomacia lusa, — toda a extensa faixa xerographica da nossa terra, então sem nome, limitada entre o Atlantico e uma recta traçada de polo a polo a 370 leguas do archipelago de Cabo-Verde (isto é, pouco mais ou menos desde Belém do Pará, ao norte, até Laguna, ao sul), ficara integrada na soberania da casa de Aviz (1).

(1) Rangel Moreira, em seu recente e bem feito opusculo «Esboço historico das nossas questões de fronteira» (S. Paulo, 1913), referindo-se á «pouca precisão do tratado de Tordesillas», dá-a como «fructo da esperteza de Fernando de Castella» (pags. 14-15). Parece-nos, porém, que, si a projecção do meridiano demarcador de nossa terra não ficou scientificamente determinada ao tempo em que foi elle creado juridicamente, isso se deve quer ao desconhecimento da região que cortava, quer á coetanea imperfeição dos mapps e instrumentos geographicos. Quanto ao aspecto politico, basta ler o que escreve Porto-Seguro («Historia Geral do Brasil», I, 32) sobre o ponto de partida da linha divisoria, na controversia agitada logo em começo do seculo XVI, por causa da posse das Molucas: — «... os Castelhanos, com a idéa de favorecer a causa das Molucas, pretendiam que fosse o extremo da ilha mais occidental ou de Santo-Antão; e os Portugueses, esquecendo-se de quanto esta versão, que era a unica logica, os favorecia com terras no Brasil, afirm de que as ilhas Molucas, por essa pequena differença de longitude, não se lhes escapassem, repellido-n'a com tanta energia como nos seculos seguintes a sustentaram.»

A fascinação da Índia longínqua é que se deve a forte expedição de Cabral, que, no derradeiro anno do seculo XV, aportando intencionalmente (como se infere das mais recentes pesquisas sobre esse episodio) ás praias do continente revelado pelo audacioso genovês, bem andou em tomar solenne posse da zona territorial que o tratado de 1494 assegurara ao dominio de Portugal.

Preoccupado com a miragem do oriente, d. Manoel I, o *venturoso*, limitou-se a mandar reconhecer, em 1501, o relevo da costa da sua possessão occidental, por uma armada de tres navios, que percorreu 2.500 milhas, dando nomes a cabos, rios e bahias, desde S. Roque até Cananéa; depois, arrendou a terra por um triennio, e, neste periodo, isto é, em 1503, aqui veio ter uma segunda frota de seis embarcações, de cuja exploração pouco se sabe; em 1506, foi feita nova locação por tres annos, desta vez a Fernão de Noronha; mais tarde, ficou livre de onus o territorio, onde quem quizesse podia fazer commercio, sujeito apenas ao quinto dos generos exportados, e a esse regimen pertence a vinda da nau «Bretôa», em 1511; dois annos depois, uma frota de dois navios, devassando cerca de 700 leguas de terras novas, chegou provavelmente ao rio da Prata, nome esse que «ainda hoje proclama a primazia dos portuguezes ao sul, como o das Amazonas perpetúa a passagem dos espanhões ao norte» (2).

A d. João III cabe o ter prestado mais acurada attenção á colonia americana, onde o nome do symbolo sagrado do catholicismo (si a Cabral se deve a designação «ilha de Santa-Cruz» ou «ilha de Vera-Cruz», não passou elle de mero imitador de Colombo) desde o fim do primeiro decennio da posse fôra substituído, não obstante o tremendo anathema de João de Barros (3), pela appellação commum do lenho commercial, — já conhecida e usada antes dos descobrimentos lusitanos, — do *brasil* naquelle tempo tão util á tinturaria e que, por entre-lpos, os francezes, tanto que os portuguezes aportaram á America do Sul, daqui começaram tambem a conduzir para as grandes feiras da Europa.

Tornou-se imprescindivel defender a região contra os intrusos, que, levantando reductos em varios pontos, para o mesmo fim mercantil das raras feitorias lusas, pretendiam assenhorear-se della, como de uma *res nullius*, que, por força do principio do direito romano, nisso ainda então vigorante, devesse ceder ao primeiro occupador: — dahi, os conflictos, as reclamações internacionaes em pura perda, e, por fim, as expedições guarda-costas. A este processo, iniciado em 1526 ou

(2) A phrase é de Capistrano de Abreu, de cujo excellente trabalho «Noções de Historia do Brasil até 1800» (in «O Brasil», publicação do Centro Industrial do Brasil, I, 1907) fizemos este resumo, e nos aproveitaremos tambem em muitos outros pontos deste nosso escripto. Preferimos naturalmente esta obra de conspicio mestre á sua these de 1883, por encerrar a produção mais recente o fructo de novas leituras e investigações.

(3) «Decadas da Asia», I, 391-392.

1527, pertencem as armadas de Christovam Jacques, Antonio Ribeiro e Martim Affonso de Sousa. Os resultados das duas primeiras foram pouco satisfactorios ou nenhuns. Não assim os da ultima. Esta, aqui chegada em 1530, não só explorou toda a orela do dominio luso (a partir da foz do Gurupy, que foi então denominada « abra de Diogo Leite »), como tambem, transpondo o extremo sul do meridiano de Tordesillas, subiu o rio da Prata, fincando-lhe marcos possessorios á margem esquerda, qual se vê do « Diario da navegação » de Pero Lopes de Sousa (pags. 46-47 da ed. de 1839). A' expedição de Martim Affonso devem-se egualmente duas entradas no sertão, que serão expostas mais adeante, e, além da regularização do arraial já formado por João Ramalho e seus mamelucos, a fundação, tambem em 1532, do primeiro nucleo prestadio de colonização portugueza assentado em nossa terra, — S. Vicente, — que, conforme M. T. Alves Nogueira (4), « abé o anno de 1710 foi a verdadeira capital de todo o Brasil meridional ».

Mas o erario luso, dessangrado pelas Indias, que attrahiam e exgottavam todas as forças da pequenina e audaz Phénicia européa dos tempos modernos, não supportava o custeio desse systema de povoamento, que consistia em occupar a costa do Brasil por postos agricolo-militares. E d. João III, afim de que a sua conquista ultramarina do occidente não ficasse em abandono, não caisse em commisso, — não vacillou em cercear a propria autoridade da corôa, para aqui pôr em pratica um regimen de emphyteuse, o das *capitanias hereditarias*, revivescencia de uma tradição feudal, que, emtanto, não se radicara no reino de Affonso Henriques, porém vingara fructuosa nas largas ilhas fertéis da Africa portugueza.

Dos quinze quinhões, distribuidos, dentro da linha de Tordesillas, a treze fidalgos lusitanos, poucos lucraram efficazmente com a fórmula a que foram então vinculados. Cabos famosos na tomada das praças fortes da Africa e da Asia vieram perder os haveres e a vida nos latifundios das suas donatarias americanas. Alguns as deixaram em olvido. Outros tentaram occupal-as, e soffreram o mais completo mallogro. Como quer que seja, nos tres lustros da primeira e luctuosa phase desse regimen (1534-1549), começou, comtudo, a repontar a base geral da nacionalidade futura, isto é, a actividade agraria, em vez da dissoluta e desordenada exploração dos burgos mineiros da America espanhola. Pernambuco e S. Paulo têm os seus fundamentos mais remotos nesse periodo de colonato desagregado, que, por peor e anachronico que fosse, contribuiu indiscutivelmente a salvar o Brasil de males maiores e irremediaveis.

A descoordenação e a anarchia dessas cellulas iniciaes do organismo politico da nossa terra impuzeram ao monarcha a providencia salutar de um governo geral, aqui estabelecido em

(4) « Compendio de geographia e chorographia do Brasil, 42.

1549, depois que d. João III, por uma providente medida, resgatara a Bahia, com a qual começa a organização das « capitâneas da corôa », depois em grande numero. Ahí principia a segunda phase do colonato, que se estende até ao reinado de d. José, ou, melhor, do marquês de Pombal, que foi quando, após a fixação juridica das fronteiras do Brasil, quasi eguaes ás de hoje, — levada a effeito pelo tratado de 1750, — não só as donatarias particulares se reintegraram totalmente na corôa portuguesa, como tambem em seguida se unificaram os dois distinctos governos da colonia (*Estado do Brasil e Estado do Maranhão*, este creado em 1621), possibilitando-nos assim, em vez de varios reinicolos desunidos e fracos, o imperio uno, a Patria grande e preparada a melhores destinos, que os nossos antepassados, ao influxo dos antecedentes historicos, nos herdaram em 1822.

Si é certo que, da enorme porção do mundo que « as armas e os barões assignalados » conquistaram, dilatando « a fé e o imperio », tudo perderam mais tarde, não lhes restando no oriente mais que alguns palmos de terra onde chantar o glorioso estandarte das Quinas (5), — o Brasil, não obstante os erros graves da politica de sua metropole, ha de servir, pelos seculos em fóra, para attestar a energia pristina dos lusos, sobrepujada logo pela dos seus descendentes, filhos destas ridentissimas plagas do novo-mundo, que devassaram o coração e os confins do colosso sul-americano, e o ergueram, depois, á face do orbe, como o florão mais bello e imperecivel da audacia antiga dos maiores pioneiros da séde immensa, e por tanto tempo desconhecida, do planeta humano.

Para que bem se comprehenda e methodize o assumpto complexo da nossa these, vamos desenvolvê-lo em cinco capitulos: — no primeiro, estudaremos o « cyclo das entradas », isto é, o cyclo official da expansão geographica operada quasi toda dentro da linha de Tordesillas, nas tentativas de descobrimento de riquezas mineraes e de conquista da terra aos selvagens, seus donos primévos e legítimos, cyclo esse que teve por theatro a zona litoranea e por época a que se estende de 1504 a 1696; no segundo, examinaremos o « cyclo das bandeiras », isto é, o cyclo espontaneo da expansão geographica, realizada quasi toda além da linha de Tordesillas, o qual teve por origem e scenario o interior, desbravando-o, revelando-lhe as portentosas opulencias, e, finalmente, occupando-o, no espaço de tempo que vai de meíados do seculo XVI até ao anno final do XVII; no terceiro, apreciaremos a avançada feita do litoral para o interior pelos criadores de gado, notadamente no centennio comprehendido entre 1590 e 1690, ajudados em grande parte pelos bandeirantes paulistas; no quarto, summariaremos

(5) Latino Coelho, no « Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva », diz (pags. 43): — « De infindos territorios que a nosso poderio avassallámos, resta-nos apenas no oriente quanto de terra era sobejo para cravar, como heroica tradição, a bandeira nacional ».

os serviços dos missionarios catholicos, aos quaes principalmente se deveu, no seculo XVII, o povoamento do valle do Amazonas; e no quinto, para concluir, daremos a synopse da colonização e das directrizes do movimento geral, tirando a synthese do importante phenomeno.

Apenas muito de relance lhe analysaremos as causas e a formação dos principaes agentes.

I

CYCLO DAS ENTRADAS OU CYCLO OFFICIAL DA EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL — 1504 A 1696

(Pequena expansão, oriunda do litoral e realizada quasi toda dentro da linha de Tordesillas)

Os impulsos da expansão, neste periodo, representam-se quer pela procura das pedras e metaes preciosos, quer tambem pela montaria aos selvicolas, ou porque defendessem estes o seu *habitat* ou porque os preiassem para escravos os invasores europeus, quer ainda pela asseguração da terra extensa e desguarnecida, cobiçada sem cessar pelos inimigos da nação portuguesa ou pelos que lhe não reconheciam a legitimidade da soberania sobre a colonia americana.

Era natural a avida busca dos minerios raros. Preoccupação geral da época, intensificada pelo achamento das riquezas que uma longa legião de rajahs accumulara em suas capitaes levantinas, explicava-a, no occidente, a appareição dos thesouros metallicos que os espanhões haviam encontrado nos vastos reinos dos aztecas e dos incas. *Perú* e *Potosi* eram nomes que andavam na bocca de todos os aventureiros europeus, escandecendo-lhes a mente. Sabia-se que, aprofundando-se as terras interiores do Brasil, havia de dar-se com as minas opulentas da corôa de Castella. Porque não existirem taes divicias na possessão lusitana, que estava no mesmo continente, que era prolongamento apenas do mesmo territorio? Anseios e sonhos de riquezas enchiam a imaginação ardente dos portugueses, nos seus pequenos nucleos litoraneos ou no deserto de que expelliram os indigenas, quando não os compelliram ao amanho da terra, para a rudimentar lavoura da canna de assucar. O seculo XVI, que o chamado renascimento e o humanismo florejaram prodigiosamente, foi uma quadra de agudo mysticismo, incentivado pela reforma e pela reacção catholica. E, assim, os portugueses, — cujo espirito agitado degenerou na mais exaggerada credulidade, a exemplo dos seus irmãos ibericos, — povoaram de plantas mirificas, de animaes fabulosos e de gemmas maravilhosas a região bravica que vinham conquistar e civilizar. Tal estado psychico e taes aspirações, já os evidenciam e consubstanciam os dois primeiros lusos que

no seculo XVI estudaram a evolução brasileira: — Pero de Magalhães (de) Gandavo, cuja obra « Historia da prouincia Sãta Cruz » é de 1576 (6), fala, no cap. XLV (pags. 65-68 da ed. de 1858, Lisboa), « Das grandes riquezas que se esperam da terra do Sertão »; e o « Tratado descriptivo do Brasil », que é de 1587, tem os capitulos finaes (CXCIII-CXCVI) da sua segunda parte (pags. 326-330 da ed. varnhageniana de 1879) consagrados ao ferro, aço (*sic*), cobre, pedras verdes e azues, esmeraldas e saphiras, ouro e prata, existentes no sertão da Bahia. Como si não bastasse aos invasores da America do Sul a criação immediata da lenda da « serra resplandecente », toda de prata e esmeraldas, quasi que ao mesmo tempo o genio inventivo de sir Walter Raleigh lhes infiltrava na alma a existencia do *el-dorado*, que o audaz aventureiro descreveu a primor (7), e o seu compatriota Southey reproduziu em não menos poetico estilo (8). Localizado entre o Orinoco e o Amazonas, nas cercanias das Guyanas, que foram afinal, e talvez por isso, o ponto de convergencia dos tres assaltadores da colonia portuguesa, — franceses, holandeses e ingleses, — não deixou de exercer influxo na expansão geographica do Brasil. E' sabido tambem que as expedições destinadas á capitania do Maranhão, por serem bem aprestadas, até de cavallaria uma dellas, chegaram a alarmar a côrte de Madrid, que temeu visassem a apoderar-se do Perú (9). Veremos mais adiante que a este país andino arribaram os primeiros sertanistas partidos de S. Paulo e que, por muito tempo, foi elle o alvo dos bandeirantes.

A caça ao indio explica-se pela legislação portuguesa, accorde com as necessidades dos occupadores do Brasil. Si Portugal commettera o infando crime de instituir a escravidão africana, nada admira que considerasse como servos os aborigenes americanos. E' certo, comtudo, que a acção dos ignacianos oppôs embargos a essa ignobil deshumanidade, mas nem sempre teve efficiencia a sua altruistica intervenção, depois egoisticamente degenerada. Planta exotica nesta zona quasi toda tropical, precisaram os portugueses de amparar-se vio-

(6) Antes desta, provavelmente em 1570, escreveu o « Tratado da Terra do Brasil », que só foi publicado em 1826, e no qual exara a lenda, já então corrente, da « serra mui fermosa e resplandecente » (cap. IX, pags. 214 do tomo IV, n. 1, da « Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas »).

(7) A expedição de Raleigh partiu para a America do Sul a 5 de Fevereiro de 1595, e a obra, em que elle, entre notas e observações verazes, relata com excessiva phantasia a sua viagem, foi publicada em Londres, após o seu regresso para alli, em 1599, e vem na collecção Hakluyt, vol. IV da ed. de 1811, de pags. 115 a 160. A pags. 125, começa elle a tratar do *el-dorado*, denominação que attribuo ao espanhol Juan Martinez: a pags. 148, descreve o lago de Manoa; e, de pags. 156 a 160, insere documentos coetaneos sobre o *el-dorado*.

(8) « Historia do Brasil », trad. de Luis de Castro, II, 83.

(9) Luis de Mello, segundo Oliveira Martins (« O Brasil e as colonias portuguesas », pags. 19), « partira do reino com cinco navios para penetrar pelo Amazonas até ás minas a léste do Perú ».

lentamente no braço do selvicola, para, com esse válido sustentaculo, lapidarem a joia bruta que lhes caíra em mãos.

A dupla tentativa dos franceses contra o Brasil, no século XVI e no XVII, isto é, a « França antarctica » e a « França equinocial », assim como a necessidade imperiosa de defender o rio-mar contra esses e outros invasores, — tudo isso concorreu poderosamente para a expansão geographica do Brasil no periodo ora em estudo.

Antes de mais nada, cumpre-nos accentuar que carecem de importancia todas aquellas expedições até hoje desescudadas de documentos authenticos e que não deixaram signaes decisivos de sua passagem, nem pela occupação das terras, nem pelo descobrimento de riquezas do sub-sólo, nem pela abertura de vias de penetração, que viessem a ser depois utilizadas.

Capistrano de Abreu, em sua these de concurso de 1883, « Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI », escreve (pags. 70-71) : — « A primeira entrada de que ha noticia deu-se em 1504, anno em que Vespucci, acompanhado de uns trinta homens, penetrou umas 40 leguas pelo sertão do Cabo-Frio, provavelmente para os lados do rio S. João ou de qualquer dos seus affluentes. Gonçalo Coelho é bem possivel que no tempo que demorou no Rio de Janeiro houvesse tentado empresa semelhante; não está, porém, isto provado » (10).

As primeiras expedições lusitanas, baseadas em provas incontestaveis, na phase inicial de nossa Historia, e em demanda do interior, com o fito de descobrimento de minas ou com outro intuito, devem-se á armada de Martim Affonso de Sousa, e foram em numero de tres.

A primeira mandou-a elle, logo depois que, a 30 de Abril de 1531, entrou na bahia de Guanabara, onde estanciou durante tres meses. Compunha-se de quatro portuguezes, que exploraram o sertão da costa do Rio de Janeiro, percorrendo 230 leguas no curto espaço de 60 dias, consoante com o que relata o « Diario da navegação » de Pero Lopes de Sousa. Com effeito, assim narra este, a pags. 25-26 : — « Daqui mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dois meses; e andaram pela terra cento e quinze leguas; e as sessenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com hum grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no rio de Peraguay havia muito ouro e prata ». Pensa Derby (« Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo », V. 241) ser provavel que estes exploradores hajam entrado em Minas; e Calogeras (« As minas do Brasil e sua legislação », I, 17-19), achando possivel tal penetração, chega até a tentar reconstituir-lhe o roteiro. Embora

(10) A entrada de Vespucci é por este narrada em sua carta a Soderini, como se vê da traducção de Varnhagen, in « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. », XLI, p. 1^a, 17.

a esta entrada não se deva nem abertura alguma de caminho que se fixasse, nem occupação qualquer do territorio percorrido, é, todavia, interessante, em razão dos elementos, poucos e vagos, mas curiosos, que sobre ella forneceu Pero Lopes de Sousa. Duvidamos muito de que quatro portuguezes, sem guias indigenas (excepto na volta) e sem interprete, se houvessem aventurado a um embrenhamento tão profundo em nosso *hinterland*. Não é brincadeira palmilhar, no curto espaço de 60 dias, 130 leguas sobre serras matagosas e 100 em região campestre, logo após a estação das aguas. Onde e como teriam vadeado o Parahyba, o qual, fosse qual fosse o rumo que tomassem, deveriam fatalmente ter atravessado, e esse facto se não menciona no «Diario da navegação»? Note-se mais que, pela inexistencia de relações entre os tamoyos e os incolas de além-Mantiqueira, não havia veréia antiga entre ella e o Rio de Janeiro, por onde a transpuzessem, tanto que, antes do «caminho novo», a penetração em Minas se fazia pelo «caminho dos guayanases», isto é, por Paraty a Guaratinguetá, para se varar depois a garganta do Embaú, ou dobrando a cordilheira por um outro ponto de facil accesso, como na jornada de Knivet. Ha até quem acredite hajam os quatro lusitanos de 1531 attingido ás proximidades de Ouro-Preto, por causa do «christol» da phrase de Pero Lopes. Mas quem trouxe taes quartzos a Martim Affonso foi o *morubixaba* hospedador dos expedicionarios, o qual podia tel-os antes colhido ao longe, nas incursões de sua tribu... E, finalmente, seria para admirar que os selvícolas de tão remoto interior pudessem dar ao capitão da esquadra de 1530 novas do Paraguay, muito mais sobre *ouro* e *prata*, coisas tão delles mal conhecidas e para as quaes ainda não tinham nomes em seu pouco opulento vocabulario...

A segunda resultou das informações que ao commandante portuguez deu Francisco de Chaves sobre a existencia de copiosas minas metallicas em ponto não muito distante do litoral, quando Martim Affonso aportou a Cananéa a 12 de Agosto de 1531. Conforme o relato de Pero Lopes, no seu «Diario da navegação», «... o dito Francisco de Chaves se obrigava que em 10 meses tornara ao dito porto com 400 escravos carregados de prata e ouro...» E tanto credito lhe deu Martim Affonso, que lhe confiou, sob a chefia de Pero Lobo, uma força de 80 homens de guerra da sua frota, dalli partindo a expedição, assim rapidamente organizada, a 4º de Setembro do mesmo anno. Não dez meses, mas apenas mês e meio esperou alli Martim Affonso o regresso dos expedicionarios, que, emtanto, não mais haviam de retornar do sertão. Divergindo da opinião, commummente adoptada, de terem os exploradores sido mortos pelos carijós, senhores da região ao sul de Cananéa, por não achar curial o mallogro em ponto tão proximo, o sr. E. G. Young (11) julga mais verosimil que aquelle pu-

(11) «Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo» (VIII, 230-231) e «Subsidios para a historia de Iguape» (in «O Estado de S. Paulo», n. de 22 de Julho de 1902).

gillo de aventureiros houvesse seguido a róta de Aleixo Garcia, mui razoavelmente relacionando tal episodio com a narração feita pelo espanhol Rui Diaz de Guzmán no tocante ao destroço de Aleixo e ao da gente de Sedeño. Com effeito, não fosse a indicação do *Añembi*, não fosse o nome do chefe, *capitan José Sedeño*, — a exposição do que se deu com a leva deste, qual vem em Rui Diaz de Guzmán (« Argentina. — Historia del descubrimiento, conquista y población del Rio de la Plata, escrita el año 1612 », ed. de 1882, Buenos-Aires), approximar-se-ia sobremaneira do que se conta da entrada de Pero Lobo. Basta confrontar o que summariámos desta com o que diz aquelle escriptor espanhol no liv. I, cap. V, pags. 40-41 da citada edição, e que é, em resumo, o seguinte: — A relação, feita no Brasil, pelos dois companheiros de Aleixo Garcia, por este despachados para cá, provocou a sortida do capitão José Sedeño, com 60 soldados, a qual partiu de S. Vicente, levando tambem indios amigos; descendo em canoas pelo Anhemby, saíram no Paraná e por este chegaram ao Salto, donde rumaram para o Paraguay; lá, os indios, que haviam assassinado a Aleixo Garcia, pelearam em campo aberto com os novos invasores e mataram a Sedeño, debandando-se a tropa deste, que acabou sendo trucidada traiçoeiramente pelos aborígenes das margens do Paraná; e, assim, desta expedição não escapou ninguém. Atribuindo-se a 1526 a bandeira de Aleixo Garcia, tudo faz crer que a tradição desta e a adulterada de Pero Lobo tenham sido desse modo ligadas por aquelle registador de taes factos no começo do seculo XVII.

A terceira, finalmente, foi a exploração do rio da Prata, ponto a que, segundo parece, vinha essencialmente destinada a expedição de Martim Affonso de Sousa. Havia sido divulgada na península iberica a noticia de que Solis, português ao serviço da Espanha, encontrara o metal branco, em 1515, no estuario a que então ligou o seu nome. E' provavel, pois, que a corôa portuguesa em tempo cogitasse de verificar si não pertenciam a seus dominios americanos as terras onde se annunciavam taes opulencias. Como quer que seja, o commandante da frota de 1530 ordenou ao irmão que, com uma esquadrilla propria para a navegação fluvial, explorasse aquelle grande curso de agua, o que Pero Lopes levou a effeito em fins de 1531, tendo devassado o rio da Prata até ao esteiro dos carandins. Averiguando, talvez, que aquella zona estava fóra do pacto de Tordesillas, Martim Affonso não a occupou, vindo fundar S. Vicente a 22 de Janeiro de 1532. Si, portanto, outra importancia não tivesse, como teve, esta terceira entrada ao menos denotaria o anseio de Portugal, desde aquelle tempo, por estender a sua colonia americana até ao seu limite natural, — que é o rio da Prata.

Foi muito lenta a marcha da conquista e do povoamento do litoral brasileiro.

Nesse sentido, teve pouco exito o regimen das capitánias hereditarias, na sua primeira phase.

No sul, além de S. Vicente e de Santo-André da Borda do

Campo, onde se havia localizado João Ramalho com os seus muitos descendentes *mamelucos* (12), repontara apenas Santos, fundada por Brás Cubas, em 1536, e que já era legalmente villa em 1546, havendo-se fixado alguns colonos espanhóes, também pelo segundo quartel do seculo XVI, nas terras em que depois surgiram Iguape e Cananéa (esta, conforme uma provisão de Roque Barreto, de 13 de Julho de 1600, teria sido então elevada a villa). A villa da Rainha, estabelecida á margem do Itabapoana por Pero de Góes, em 1539, assim como outra povoação alli fundada por elle mais tarde, do mesmo modo que a villa de Santa Catharina das Mós, criada por Gil de Góes no Baixo de Pargos, á margem do rio Itapemirim, não vingaram (13); e no quinhão septentrional de Martim Affonso de Sousa, incorporado á corôa logo após a fundação da cidade do Rio de Janeiro, haviam apenas progredido Paraty, Angra, já feita villa em 1608, e Cabo-Frio, esta devida principalmente aos entrelopos franceses e que Constantino de Menelau erigiu regularmente em villa a 13 de Novembro de 1615. Na donataria do infeliz Vasco Fernandes Coutinho, o nucleo montado no continente em 1535, o arraial do Espirito-Santo, foi abandonado pelo que logo depois surgiu na ilha fronteira, em 1540, com o nome de Victoria; S. Matheus e Jeritiba repontam nos fins do seculo XVI, graças á catechese de Anchieta, e Guarapary é erguida no ultimo quartel da centuria seguinte, por Francisco Gil de Araujo. Pero do Campo Tourinho collocou a sua colonia na bahia Cabralia, em 1536, quando também o representante de Jorge de Figueiredo Correia lançou os alicerces de S. Jorge dos Ilhéus; mas tanto esta capitania como a de Porto-Seguro, a principio com symptomas de florescimento, decaíram prestesmente, ante a irrupção dos terriveis aymerés. Na Bahia, o desventurado Francisco Pereira Coutinho arran-

(12) Quanto ao etymo desta palavra, divergimos quer de Baptista Caetano de Almeida Nogueira, que a faz provir de *membyrucá*, (in « Annas da Bibl. Nac. », IV, fasc. 1^a, pags. XII), quer de Theodoro Sampaio (in « O tupy na geographia nacional », pags. 67-68), que a deriva de *mamã-ruca*, isto é, tirado da *mistura*. Não convencido pela argumentação deste, pensamos que o vocabulo questionado é de procedencia arabe, originando-se de *mamluk*, supino ou participio de *malaka*. A isso nos impelle tanto a significação de *mamluk*, que quer dizer o *governado*, o *possuido*, equipollente ao *servus* do latim, como o facto de existir tal appellativo em nossa lingua, muito antes que os portuguezes tivessem ouvido qualquer phonema do *abânheem*. A prosodia *mamaluco* explica-se facilmente pelo phenomeno da alliteração, corollario da chamada « lei do menor esforço », commum na linguagem popular. A fórma italiana é *mammaluco*. Beaurepaire-Rohan, em seu « Dicionario de vocabulos brasileiros » (in verbo « Mameluco », a pags. 85), perfilha também o etymo arabe.

(13) Pero de Góes, depois que abandonou a sua donataria, exerceu o cargo de capitão-mór da armada ou da costa, no governo de Thomé de Sousa. Não se sabe ao certo si, depois de 1553, foi morrer em Portugal, ou si falleceu em São Paulo, como presume Taques. Seu filho e successor, Gil de Góes da Silveira, renunciou em favor da corôa os direitos á capitania, por escriptura de 22 de Março de 1619. A Parahyba do Sul ficou por algum tempo esquecida, até que os sete capitães, Miguel Ayres Maldonado, Gonçalo Correia, Duarte Correia, Antonio Pinto, João de Castilho, Mamuel Correia e Miguel Riscado, que por cerca de 30 annos haviam prestado notaveis serviços á metropole, combatendo os franceses intrusos

chou-se, em 1538, com os seus colonos, na mesma localidade em que encontrara o Caramurú com a sua prole mameluca, arraial que tomou o nome de Villa-Velha, quando Thomé de Sousa fundou a cidade do Salvador. No longo trecho dahi para o norte, appareceram apenas a villa da Conceição, em Itamaracá, donataria de Pero Lopes de Sousa, e Olinda, criada em 1535 por Duarte Coelho e que foi uma das mais prosperas povoações do Brasil septentrional.

Aos jesuitas deve-se a fundação de S. Paulo em 1554, e ao influxo da invasão franceza de Villegaignon foram lançados, em 1565, os primeiros alicerces do Rio de Janeiro por Estacio de Sá, — destinadas as duas cidades a uma excepcional preponderancia na expansão portuguesa pela America do Sul.

Esse era, ao tempo do dominio espanhol, que se inicia em 1580, o estado da colonização do Brasil no cairel do Atlantico,

Pouco havia contribuido para a exploração do país, e quasi nada para a occupação definitiva das terras interiores, a lucta contra os indigenas, afim de batel-os ou captival-os.

Affirmam alguns historiadores que Martim Affonso de Sousa, antes de retirar-se para Portugal em 1533, deixara a Pero de Góes e Ruy Pinto encarregados de uma expedição contra os indios do litoral do sul, os ousados carijós, que haviam destroçado a leva de Pero Lobo e Francisco de Chaves. Pouco se sabe do que hajam feito em tal sentido aquelles nobres portugueses.

Pelos meados do seculo XVI, o desbravamento das vias de penetração de uma extensa zona do sul, isto é, do caminho dos carijós, é feito pelos ignacianos, por Leonardo Nunes, o *Abaré-bebé*, e por Pedro Correia, victima daquelles indios.

A este periodo inicial é que se liga o episodio de Hans Staden, allemão que viera pela primeira vez ao Brasil em 1548 e pela segunda vez em 1549, na expedição de Senabria. Assoldadando-se como artilheiro em Santo-Amaro (ilha), caiu prisioneiro dos tamoyos, em cujo poder andou até 1554, escapando, porém, com vida das mãos desses barbaros e relatando

e os selvagens bravios, obtiveram de Martim de Sá, então governador do Rio de Janeiro, em 10 ou 20 de Agosto de 1627, sesmarias nas terras abandonadas, comprehendidas entre o rio Macahé e o cabo de S. Thomé. Exploraram longamente os seus quinhões, desde 1632 até 1634, e dividiram-nos amigavelmente, fazendo disso extenso relatório, firmado por Miguel Ayres Maldonado, em data de 21 de Fevereiro de 1661. Este documento foi integralmente publicado na « Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro », LVI, p. 1ª, 345-400. Ora, o erudito e incansavel investigador dr. Vieira Fazenda demonstrou (in « Rev. » cit., LXXI, p. 1ª, 5-21) que Maldonado falleceu em 1650. Esta e outras inverosimilhanças desvaliam grandemente o chamado « roteiro dos sete capitães ». E' sabido, porém, que as terras da antiga donataria de Pero de Góes, por meados do seculo XVII, foram divididas entre os citados capitães ou seus herdeiros, Salvador Correia de Sá e Benevides, Pedro de Sousa Pereira, os loyolistas e os irades de S. Bento. Desde 1652, que foi quando os jesuitas e o general Salvador Correia começaram a povoar as suas sesmarias, levantando as primeiras capellas, repon-taram tentativas de se erigir em villa o povoado sito á margem do Parahyba. Mas, só a 29 de Maio e 18 de Junho de 1677 (A. Lamego, « A terra goytacá », I, 188) é que foram, respectivamente, erguidos os pelourinhos das villas de S. Salvador dos Campos dos Goytacases e de S. João da Praia, hoje S. João da Barra.

depois as suas aventuras em livro que o Sr. A. Löfgren traduziu do original e corre impresso desde alguns annos (14). E' obra não despreciada para a investigação dos costumes daquelles extinctos selvicolas, encerrando tambem alguns apreciaveis dados historicos e geographicos.

Instigaram os francezes de Villegaignon a « confederação dos tamoyos », que chegou a pôr em serio perigo a dominação portuguesa no sul e que foi apaziguada mais pelos esforços de Nobrega e Anchieta do que pelas armas lusitanas.

Mem de Sá ordenou varias expedições contra os autochtones, de Itaparica, do rio Paraguaçu e do Espirito-Santo, e quasi pôs termo ao formidavel espantallo dos aymorés.

Antonio Salema, que, em 1573, viera governar o Rio de Janeiro, encarregou a Christovam de Barros uma leva contra os tamoyos, a qual aquelle filho do donatario do Ceará realizou em 1574-1575, numa entrada que foi verdadeira *razzia*, pois expelliu tambem desta região meridional os tupinambás, cujos restos foram deter-se no Amazonas. A expedição compunha-se de 400 homens brancos e 700 indios, tendo reduzido a captivoiro « oito ou dez mil almas », consoante com as informações do autor do « Tratado descriptivo do Brasil em 1587 », a pags. 80-81.

Brás da Costa Rubim, em suas « Memorias historicas e documentadas da provincia do Espirito-Santo » (*in* « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. », XXIV, p. 1^a, 171), refere-se a uma leva, chefiada pelo capitão-mór Miguel de Azeredo, auxiliado por Antonio Jorge e João Soares, contra os goytacases, sem, todavia, precisar-lhe os feitos.

Luís de Brito e Almeida, que governava o Brasil septentrional desde 1572, deante do insuccesso da missão do padre Gaspar Lourenço, em 1575, junto aos indios de Sergipe, mandou Garcia d'Avila (15) fundar Santa-Luzia e dirigiu em pessoa a conquista daquelle territorio até ao rio Real (Itanhy). A sua tentativa identica, aprestada contra o gentio da Parahyba, não chegou a realizar-se, por ter sido dispersada pelos temporaes a frota para aquelle fim apparelhada.

Das entradas « de resgate », postas em execução nesse tempo, dá-nos conta frei Vicente do Salvador, em sua « Historia do Brasil » (caps. XX e XXV do liv. III). De Ilhéus partiu a de Luís Alvares Espinha (ou *de Espenha*), o qual se em-

(14) *Hans Staden*. — « Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, ferozes e cannibae, situado no novo-mundo America » (tradução portuguesa de A. Löfgren, editada pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, 1900). Já antes, em 1893, apparecera, no tomo LV, p. 1^a, da « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. », a « Relação veridica e succinta dos usos e costumes dos Tupinambás », nome da tradução, feita pelo dr. Tristão de Alencar Araripe, da obra do Hans Staden.

(15) Deste Garcia d'Avila occupa-se, em mais de um passo do seu « Tratado descriptivo do Brasil em 1587 » (pags. 35, 37 e 40), o autor deste curioso escripto. Foi aquelle um feliz protegido de Thomé de Sousa, logrando quer por isso, quer por serviços que prestara, a posse do maior latifundio que se concedeu a particulares no interior do Brasil.

brenhou além de 30 leguas, e desceu « infinito gentio ». De Pernambuco saiu a expedição commandada por Francisco de Caldas e Gaspar Dias de Taide, a qual entrou muitas leguas pelo sertão do rio S. Francisco, mallogrando-se depois totalmente, em consequencia da traição feita ao seu auxiliar indigena, o « Braço-de-peixe ». Ainda de Pernambuco, em 1578, rumou para o S. Francisco a leva chefiada por Francisco Barbosa da Silva, um contingente da qual, composto de 70 homens, obedecia ao mando de Diogo de Castro, lingua e sertanista experimentado; chegou destroçada ao Cotinguiba, depois de enveredar pela margem direita do S. Francisco.

A occupação do resto da ourela atlantica septentrional, até ao ponto do extremo norte do meridiano de Tordesillas, opera-se na vigencia do dominio espanhol, e o da zona contigua do interior, isto é, da zona da pecuaria, na segunda metade do seculo XVII.

Após o mallogro das primeiras tentativas (de Diogo Dias e Fernão da Silva) de conquista da Parahyba, Fructuoso Barbosa, com o auxilio da esquadra de Florez Valdez, effectua-a em 1584, mas não definitivamente. Só a deserção (16) de Piragibe, que se allia aos portuguezes, assegura a estes a posse decisiva da região, em 1585.

O temor de uma possivel invasão de indigenas e a necessidade de uma via terrestre de comunicação entre a Bahia e Pernambuco determinaram a conquista definitiva da orla maritima de Sergipe, missão de que galhardamente se desempenhou Christovam de Barros (cujo pae, em companhia do bispo Sardinha, fôra victima dos selvagens daquela região), o qual, entre 1587 e 1590, bateu as hostes barbaras de Baepaba, levantando o forte e arraial de S. Christovam, junto á foz do Cotinguiba. Uma das columnas da expedição, composta de 150 soldados e 1.000 indios auxiliares, e da qual eram capitães Rodrigo Martins e Alvaro Rodrigues, seguira pelo interior, onde teria sido desbaratada pelos incolos, si a tempo não a soccorresse Christovam de Barros. Foram mortos 1.600 indios e captivados 4.000, graças ao trabalho dos quaes se estabeleceram alli, com estancias de gado, muitos dos expedicionarios, a começar pelo commandante em chefe, que montou para si uma grande fazenda. Sergipe del Rey passou a ser, logo depois, uma capitania da corôa, entravada, porém, no seu progresso, pelas invasões neerlandesas, que sobretudo obstaram por muito tempo o avanço dos pernambucanos em demanda do *hinterland* do valle do S. Francisco.

(16) *Deserção* é um modo de dizer. Os indios, creanças grandes, tanto se alliançavam com os francezes como com os portuguezes, ao bel-prazer do seu alvedrio. Tem-se encoimado, com exaggero, a fidelidade dos nossos fetichistas, como se lhes tem increpado, qual a Tibirecá e Piragibe, o fazerem causa commum com os inimigos dos seus, — quando o certo é que a sua civilização rudimentar não lhes permittia distinguir bem taes actos de fina politica, e nas invasões neerlandesas, por exemplo, tanto havia indios ao lado dos portuguezes, como nas fileiras dos batavos.

A colonização das Alagoas, iniciada em 1591 e algo incrementada com as invasões flamengas, só se possibilita de vez com a destruição da «Troia negra», levada a efeito por Bernardo Vieira de Mello, Sebastião Dias e Domingos Jorge Velho, em 1695-1697.

A ocupação do Rio Grande do Norte principia em 1597, com a expedição de Manuel Mascarenhas Homem, capitão-mór de Pernambuco, e Feliciano Coelho, capitão-mór da Parahyba. Auxiliado por este, aquelle, a 6 de Janeiro de 1598, lançou os fundamentos do forte dos «Santos Reis Magos» e Jeronymo de Albuquerque, em 25 de Dezembro do mesmo anno, demarcou, junto á povoação dos Reis, o local onde surgiu a cidade de Natal. A conquista daquelle trato de terras foi devida ao temor de incursões francesas e o seu desenvolvimento posterior está ligado tambem á segunda grande invasão batava.

Principiou-se a exploração do Ceará em 1603, com Pero Coelho de Sousa, que alli realizou duas investidas trabalhosas, mas infructíferas, seguidas da missão dos jesuitas Francisco Pinto e Luís Figueira, ás quaes consagraremos adeante algumas linhas. As incursões dos franceses no Maranhão compeliram o governador do Norte, Diogo de Menezes, a mandar uma expedição que guarnecesse um dos portos daquella zona, cabendo tal incumbencia a Martim Soares Moreno, que, em 1610, ergueu um reduto junto á ponta do Mucuripe, dando origem á actual cidade de Fortaleza. O Ceará, que deve, assim, a sua primeira ocupação regular á influencia dos invasores estrangeiros, tambem soffreu os efeitos dos assaltos dos holandeses, e, como o Rio Grande do Norte e o Piauhy, só viu o seu interior explorado e começado a povoar, a partir da segunda metade do seculo XVII, graças aos jesuitas, e, mais ainda, graças ao auxilio que as bandeiras paulistas prestaram á não menos admiravel expansão feita alli pelos criadores de gado, — como veremos mais adeante.

O mallogro das duas expedições, uma em 1535-1536 (de Ayres da Cunha e dois filhos de João de Barros) e outra entre 1554 e 1557 (de Luís de Mello), destinadas á conquista e colonização das capitánias do extremo norte, — pois o naufragio que soffreram ambas as privou de levar avante o intento, — deixara desoccupadas de portuguezes as terras do seu dominio brasileiro na linha equatorial. Aventureiros franceses, nos fins do seculo XVI, penetraram em terras do Maranhão, para onde velejou, em 1612, a frota de La Ravardière, auxiliada pela rainha regente Maria de Medicis. Foi essa a tentativa da *França equinocial*. Além do forte erigido por Martim Soares Moreno junto ao Mucuripe, Jeronymo de Albuquerque, o heróe da nova campanha, levantou, em 1613, o do Camocim. A batalha de Guaxenduba (a 19 de Novembro de 1614), brilhantemente ganha por Albuquerque, e a vinda de um grande socorro da metropole no anno seguinte, sob Alexandre de Moura, deram em resultado a expulsão dos intrusos da ilha de S. Luís (assim chamada do arraial alli fortalezado e a que os franceses

deram o nome do seu soberano infante), a 4 de Novembro de 1615. Consequencia immediata dessa victoria foi a fundação de Belém do Pará, em 1616, pela esquadriha de Francisco Caldeira Castello-Branco, para isso mandado do Maranhão, a 25 de Dezembro do anno anterior, por Alexandre de Moura (17).

Attingia assim o Brasil a extrema septentrional da linha de Tordesillas, defendia a entrada do seu rio-mar contra a cobiça dos inimigos de Portugal e apparelhava, enfim, o ponto de partida para a marcha da irradiação pela bacia amazonica.

A metropole, presumivelmente guiada por esses intuitos, criou, em 1621, o *Estado do Maranhão*, comprehendendo os territorios do Ceará, Piauhy, Maranhão e Pará, subordinado directamente ao governo de Lisboa, ao passo que as demais capitánias formavam o *Estado do Brasil*, divisão essa que durou até 1760. As invasões feitas pela Companhia das Índias Occidentaes obstaram a acção lusitana de exercer-se desde logo mais efficazmente na recém-criada circumscripção administrativa.

O Amazonas, — mais comparavel a um braço do oceano que varasse a cabeça da America do Sul do que propriamente um rio, — attrahiu as vistas dos colonizadores portuguezes, tanto mais quando pelas suas margens e estuario se andavam fortificando outros europeus. O epigone dessa expansão alli é Bento Maciel Parente (18). Este, que já fizera diversas entradas aos rios Mearim e Pindaré, renovou-as depois em 1619, com 80 soldados e 400 indios frecheiros, desde Tapuitapéra até dentro do colosso de aguas, fazendo-lhe nos indios das duas ribas uma das *razzie* mais devastadoras que regista a nossa Historia, levantandò, porém, fortalezas, que asseguraram a posse da disputada região. Francisco de Azevedo foi o primeiro que explorou os sertões de Tury e Gurupy. Luís Aranha de Vasconcellos, em 1622-1624, penetrou na Guyana brasileira, como se vê da sua propria informação official (19). Pedro da Costa Favella, Feliciano Coelho e Jacome Raymundo de Noronha, companheiros do fundador de Belém do Pará, tomaram, em ininterruptas arrancadas, as posições em que holandeses e ingleses se haviam assentado no mediterraneo sul-americano, explorando a zona e preiando os indigenas (20). Pedro Teixeira, que em taes algaras servira com denodo, repetiu, por 1637-1639, de ordem da metropole, mas em sentido

(17) Vide « Documentos para a historia da conquista e colonização da costa léste-oeste do Brasil », publicação da Bibliotheca Nacional, e « Memorias para a historia do extinto Estado do Maranhão », de Candido Mendes de Almeida, tomo II.

(18) Bento Maciel Parente, conforme documentos publicados pelo erudito e infatigavel barão de Studart, acompanhou, em 1609-1611, d. Francisco de Sousa ás capitánias do sul, onde foi sargento-mór de cinco villas e descobriu algumas minas de importancia, segundo o seu proprio depoimento.

(19) « Documentos » já citados, 231-234.

(20) Vide sobre isto Mello Moraes, « Corographia historica », II, 115-126. Ali vêm estes factos expostos em ordem chronologica e minudenciosamente.

inverso, a proesa de Orellana, realizada quasi um seculo atrás (21). Partindo do Pará, com 70 soldados e 1.000 indios auxiliares, percorreu o rei dos rios e, alcançando o Payamino, affluente do Napo, chegou até Quito; dahi regressou, tomando para a corôa portugueza, na barra do Aguarico, posse de todas as terras que se extendiam dalli até á beira do Atlantico.

A acção metropolitana, porém, só se fez sentir proficuamente, depois da restauração de 1640. De então em diante é que se cogita de povoar a bacia amazonica, nos pontos mais vizinhos do delta, e novas entradas se effectuam contra os selvícolas. Assim, Oliveira Martins (*op. cit.*, 68) attribue a 1650 a «exploração das suppostas minas do Rio-Dourado» (22), que é de certo a expedição de Bartholomeu Barreiros de Athayde ao rio de Ouro; em 1660, regista-se o levantamento do forte de Araguay, reedificado em 1685, porque a pororôca o solapara; e é de 1669 a fortificação da barra do rio Negro, junto á qual repontou a actual cidade de Manaus (23). Quanto a levas contra as densas tribus que se apinhoavam nas matas do Amazonas e de seus tributarios, — ha noticias da de que foi cabo Bento Rodrigues de Oliveira, em 1647, contra os tupinambás; da de João Bittencourt Muniz, contra os anibás do Jary; da de Antonio Arnau Villela, em 1663, no rio Urubú, e da immediata de Pedro da Costa Favella, o qual, em 1664, se alliou aos tapajós contra os guanevenes e cabouquenes e, em 1666, venceu os tapuyas do Xingú, incendiando-lhes 300 aldeias e matando-lhes 700 homens, fóra 400 reduzidos a captivo, conforme o relato de Berredo («Annaes historicos do Estado do Maranhão», 536-537). Depois de Maciel Parente, foi Pedro da Costa Favella quem mais se notabilizou na des-

(21) A façanha de Orellana ainda recentemente foi estudada, em substancioso e longo escripto, por J. T. Médina, cujo «Descubrimiento del rio de las Amazonas» appareceu em 1894, em Sevilha.

(22) O barão de Sant'Anna Nery, em sua obra «Le pays des Amazones», refere-se (pags. 14) ao descobrimento de pepitas de ouro no Madeira. E' a unica menção que conhecemos sobre a existencia real do precioso minerio naquella região. No antigo Estado do Maranhão, não consta ter-se encontrado nenhum *placer* ou corrido aurifero, fora umas celebres e mal exploradas minas de S. José dos Carirys, no Ceará, das quaes tratou, em interessante opusculo, o barão de Stuardt. Que houve até auxilio dos jesuitas a uma leva famosa, em busca do fulvo metal no sertão amazonico, prova-o o seguinte curioso trecho do maior escriptor da lingua portugueza, depois de Camões («Cartas do Padre Antonio Vieira», I, 68): — «... a missão dos Pacajás, vulgarmente chamada a *Entrada do Ouro*, teve o fim que tão mau nome lhe prognosticava. Gastaram nella dez meses quarenta portuguezes, que a ella foram com duzentos indios. Destes morreram a maior parte pela fome, e excessivo trabalho; e tambem morreu o padre João de Sotomaioir, tendo já reduzido á fé, e á obediencia de Vossa Magestade quinhentos indios, que eram os que naquella paragem havia da nação Pacajá, e muitos outros da nação dos Pirapes, que tambem estavam abalados para descerem com elle. Estas, Senhor, são as minas certas deste Estado, que a fama das de oiro e prata sempre foi pretexto, com que daqui se iam buscar as outras minas, que se acham nas veias dos indios, e nunca as houve nas da terra».

(23) O nome primitivo da localidade foi «Destacamento do resgate», oriundo do contingente de soldados posto alli para assegurar a caçada de gentios, e o de «Villa da Barra do Rio Negro» surgiu com a fortificação que alli fez erguer, em 1671, o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1667-1671). A

truição dos nossos fetichistas das selvas. Proveitosa foi, sem duvida, a entrada de Gonçalo Pires e Manuel Brandão, que, em 1669, descobriram, ás margens do Tocantins, cravo, canella e a arvore deopos denominada *bertholletia excelsa* de Humboldt, cujos frutos são chamados «castanha do Pará».

Quando, porém, as duas nações conquistadoras da America do Sul formavam uma e unica soberania, Philippe IV de Espanha e III de Portugal, visando talvez a premiar os serviços de Bento Maciel Parente, criou, a 14 de Junho de 1637, com a parte meridional da Guyana comprehendida entre o Oyapock e o Amazonas, o rio Parú e o Atlantico, a «capitania do cabo do Norte», doando-a, na fórma da legislação que regia esses vinculos, áquelle terrível matador de indios. O donatario, que a 27 de Junho de 1636 fôra nomeado governador do Maranhão, mandou construir, em 1638, o forte do Desterro, na fóz do Uacapary. Quando Portugal sacudiu em 1640 o jugo castelhano, a corôa espanhola não reclamou aquella região, que, mais tarde, por força do tratado de 1750, ficou de vez integrada na posse e dominio lusitanos (24).

Prolongara-se, assim, a nossa Patria, na ourela maritima septentrional, um pouco acima do limite de Tordesillas, e penetrara tambem algum tanto no interior, além da linha pactuada em 1494. O restante da irradiação alli ficava reservado aos missionarios catholicos e aos criadores de gado, a que os mamelucos meridionaes iriam prestar auxilio efficaz.

Para o sul, onde o bandeirismo paulista, numa avançada continua e triumphal, desbravara as terras immanes do sertão e conquistara todo o Paraná e Santa-Catharina e parte do Rio Grande, a acção da metropole com elle cooperou, habil e providentemente, em começo, pela fundação da Colonia do Sacramento, realizada em 1680 e ajudada pelos naturaes de

designação actual da cidade provém da tribu mais poderosa daquelle affluente do Amazonas, dos indios *mandús*, cujo nome bem se assemelha ao da fabulosa capital do fabuloso El-dorado, *Mandá*. Em Southey (*op. cit.*, VI, 332-334) lê-se o episodio do cacique Ajuricaba, vencido pelos portuguezes em 1725, e que, depois do afogado no rio, ainda era esperado pelos seus subditos, como um novo rei Arthur ou um novo d. Sebastião...

(24) Com esta «capitania do cabo do Norte», — em que, pela invasão dos francezes desde meiods do seculo XVII, se agitou longo litigio entre Portugal e França e depois a nossa demorada questão do Amapá, sabiamente dirimida pelo laudo arbitral do presidente da Confederação Helvética em 1º de Dezembro de 1900, — houve, quando o imperio criou as duas unicas circumscripções politicas (Amazonas e Paraná) que juntou ás recebidas em 1822, a tentativa de constituir-se a provincia «Oyapockia», alargando-a um pouco mais para oeste, conforme o seguinte projecto de lei, que transcrevemos do interessante opusculo «Pinsonia» (pags. IX), de Candido Mendes de Almeida, autor delle e daquelle idéa: — «Art. 1º. Fica elevado á categoria de provincia, com a denominação de Oyapockia, o territorio comprehendido entre os rios Nhamundá, Amazonas, oceano Atlantico e os limites septentrionaes do imperio. O governo designará, no acto da criação, quaes as lhas adjacentes dos rios Amazonas e Nhamundá que ficarão pertencendo á nova provincia. Art. 2º. A capital da nova provincia será a villa de Macapá, enquanto a assembléa provincial respectiva não resolver a mudança. Pago da camara dos deputados, 1º de Julho de 1853». Foi pena que plano tão vantajoso não se houvesse convertido em realidade.